

Reconhecer as próprias limitações, mas procurar constantemente superá-las; reger-se pela consciência mantendo-se indiferente à apreciação social; lutar em tudo pela justiça; procurar obstinadamente compreender para poder agir; dar generosamente e exigir pouco para si, podem ser traços de personalidade. Mas esses traços de personalidade, assumidos e realizados no concreto, podem fundamentar todo um programa de vida a cumprir.

Já muito perto do seu fim, sem amargura, pacificada e serena, Teresa Ambrósio pôde ainda murmurar a quem lhe foi mais próximo: «Eu cumpri!»

J. P. Martins Barata

APRESENTAÇÃO

Júlio Pedrosa

No ano em que o Conselho Nacional de Educação completa vinte anos de existência é justo lembrar e prestar homenagem àquela que foi uma das suas ilustres presidentes, a Professora Teresa Ambrósio.

Por uma feliz coincidência de intenções, fazemo-lo em parceria com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento de que foi fundadora e que dirigiu durante perto de dez anos. De facto, quando no CNE amadurecíamos as ideias sobre a melhor forma de homenagear Teresa Ambrósio, cuja memória continua bem presente nesta casa, o Eng.º João Cravinho, em nome do IED, desafiou-nos à realização conjunta desta obra, o que de imediato aceitámos com grande entusiasmo. Cabe aqui, e desde já, um agradecimento a todos quantos se disponibilizaram para participar nesta publicação, bem como às equipas do IED e do CNE que a realizaram com um espírito de genuína parceria. Merece particular referência a Dr.^a Teresa Gaspar, que tanto se empenhou, com o Secretário-Geral do CNE, na preparação desta obra.

Estou certo que a forte personalidade da Professora Teresa Ambrósio, a sua enorme capacidade de trabalho e a sua sensibilidade para perceber o sentido das mudanças sociais que foi acompanhando são marcas que perderam na nossa comum vida institucional.

Teresa Ambrósio foi a quarta Presidente do Conselho Nacional de Educação, eleita pela Assembleia da República pela primeira vez em 1996 e reeleita em 2000, lugar que assegurou até 2002. O seu profundo conhecimento da Educação, sector onde sempre exerceu a sua actividade profissional, fosse como professora – primeiro do ensino secundário, mais tarde do ensino superior –, fosse como investigadora, planificadora ou política, era reconhecido por todos, constituindo o seu pensamento, os seus trabalhos, as intervenções que ia produzindo uma referência nacional incontornável no domínio da política educativa.

Como Presidente e animada por uma vontade firme de prestigiar o Conselho, soube manter a independência e autonomia deste órgão face ao

poder político, condição essencial para o desempenho da sua função consultiva e de concertação socioeducativa entre os vários parceiros sociais que nele se encontram representados. Digo-o com conhecimento de causa, uma vez que enquanto Ministro da Educação fui frequentemente interpellado pela Presidente do CNE sobre as orientações que o governo pretendia imprimir em várias áreas do sistema educativo. Com a sua imensa vivacidade intelectual sugeria-me sempre a necessidade de sustentar no estudo, na investigação e na reflexão aprofundada as decisões que viessem a ser tomadas e afirmava a disponibilidade do Conselho colaborar nesses trabalhos.

A Professora Teresa Ambrósio teve um percurso ímpar, uma vida preenchida sempre actuante e empenhada. Iniciou a sua actividade profissional como professora de Físico-Química no ensino secundário e desde aí nunca mais deixou de se interessar pelas questões da educação, no Secretariado Técnico da Presidência do Conselho, em meados dos anos 60, no GEP do Ministério da Educação, acompanhando de perto a reforma do ministro Veiga Simão, e na Universidade Nova de Lisboa, onde integrou o grupo inicial que planeou a sua criação. Seria, aliás, como professora da Universidade Nova de Lisboa que viria a terminar a sua vida académica. Desse percurso e das muitas outras intervenções cívicas e políticas dão público testemunho os depoimentos notáveis que constituem esta bio-bibliografia comentada.

Quanto a nós, ao longo destes vinte anos que constituem a vida do Conselho Nacional de Educação temos o privilégio de ter contado com a participação de Teresa Ambrósio na construção da nossa identidade institucional, primeiro como conselheira cooptada, depois como Presidente e até ao ano passado, altura em que, apesar do seu estado de saúde, não deixou de dar o seu contributo nas audições realizadas no âmbito do Debate Nacional sobre Educação. Numa das suas últimas intervenções, afirmou:

«É o Conselho o lugar onde se estudam, onde se aprofundam os problemas matriciais da educação no que diz respeito ao desenvolvimento... é o sítio da concertação educativa. Claro que é preciso formar recursos humanos, cidadãos activos, pessoas com capacidade de afirmação, pois

hoje o desenvolvimento é o desenvolvimento humano, a democracia é a democracia participativa, e tudo isto vem do conceito de educação permanente, da valorização humana e das várias perspectivas que é necessário ter.»

Inspirado nesta visão, o Conselho Nacional de Educação contará sempre com o exemplo e património de Teresa Ambrósio.

João Cravinho

Teresa Ambrósio foi fundadora, membro da Direcção desde o início e, de 1978 a 1987, Directora Executiva do IED. Foi verdadeiramente notável, pela ambição e pela eficácia, o esforço que dedicou à construção de uma instituição centrada no aprofundamento e debate público de temas tão importantes para a consolidação da democracia saída do 25 de Abril, como o desenvolvimento económico e social do país, a nível nacional, sectorial e regional, as políticas sociais e de educação, a adesão às Comunidades Europeias. Pioneira no lançamento de novas abordagens, persistente mobilizadora de participações num espectro largo de opiniões, executora de grande determinação e empenhamento estratégico, Teresa Ambrósio combinou o patrocínio prestigiado de Salgado Zenha com a ajuda da Fundação Friedrich Ebert, para fazer do IED um dos mais activos centros nacionais de produção de estudos, conferências e outras iniciativas aportadoras de valiosos contributos para o debate e a definição das mais relevantes políticas públicas estruturantes do novo regime democrático.

Esta recolha, sob o patrocínio conjunto do IED e do Conselho Nacional da Educação, de que Teresa Ambrósio foi presidente eleita pela Assembleia da República, em Maio de 1996, procura homenagear a Teresa evocando a riqueza da sua personalidade e das suas qualidades espelhadas como cidadã profissional, investigadora e docente, militante de causas cívicas, como as que dirigiu e coordenou no IED, designadamente.

Quero manifestar o nosso reconhecimento ao Conselho Nacional de Educação e ao seu Presidente, Professor Júlio Pedrosa, que prontamente abraçaram esta homenagem. Agradeço também a todos quantos para ela contribuíram com rigor, constância e eficácia. Em primeiro lugar, à Maria José Rau, incansável nos mais diversos contactos e trabalho preparatórios. Também a todos aqueles que conheceram a Teresa na docência, na investigação ou nos combates, a que deu o melhor da sua inteligência e vontade, e dessas experiências aqui quiseram deixar testemunho. Finalmente, uma palavra muito especial para o José Pedro Martins Barata, que soube sempre comunicar-nos a justa medida da sua sensibilidade e nunca nos faltou com o seu apoio.

Tive o privilégio de ser amigo da Teresa ao longo de quase cinquenta anos. Neste momento não posso deixar de me interrogar: para os que a conheceram bem ou foram seus amigos, os que com ela trabalharam ou dela receberam de qualquer modo a dádiva da sua atenção, que diferença fez a Teresa? Dou a essa interrogação uma resposta pessoal inequívoca: a Teresa fez uma enorme diferença, a que o relato seco da sua carreira plurifacetada não poderá fazer justiça. Terei de abordar o plano pessoal para que as raízes da minha homenagem possam ser reconhecidas.

Conheci a Teresa no Instituto Superior Técnico. Mas não foram aca-sos desse breve período que nos encaminharam para uma amizade simples e duradoura, ora em convívio denso de idealismos cujo objecto último apenas aparentemente terá mudado ao longo dos tempos, ora mantida pelo que nos era dado compreender à inevitável distância determinada por projectos e combates diferentes.

A Teresa foi sempre muito segura de si. Mas tinha um estilo de comunicação amigável e prestava atenção interessada aos pontos de vista de outros, sobretudo quando estavam em causa os sofismos com que os bem pensantes da época procuravam defender o *statu quo*. Penso que vinha de um meio católico um pouco tradicional. Mas isso não a constrangia a equilíbrios complicados entre a sua verdade de vida e de fé e o catolicamente correcto do Portugal retrógrado. Nesse fim dos anos 50, princípio da década de 60, sentia-a sempre aberta ao fervilhar de ideias e de idealismos de muitos que punham toda a sua esperança em grandes rupturas. No seu percurso universitário cedo se destacou como figura de referência da Juventude Universitária Católica. Não foi por esse lado que nos encontramos, pois, pela minha parte, do princípio ao fim da Universidade nunca tive qualquer tipo de relação que me fizesse sequer próximo da JUC. O que sucedeu é que, no desenvolvimento da amizade que mantinha com o Amílcar Ambrósio, angolano como eu, juntei-me a um pequeno grupo de reflexão sobre o futuro das colónias, mais especificamente, Angola e Moçambique, e o que nós poderíamos e deveríamos fazer para construir esse futuro, uma vez munidos das nossas credenciais académicas. O casal Ambrósio era o foco vital desse grupo. O início da guerra colonial, em 1961, deu-me de imediato a com-

preensão dolorosa da inutilidade absoluta desse tipo de preocupação, mas fiquei a dever a esse convívio privilegiado e intenso a oportunidade de conhecer muito bem a Teresa, entre debates amenos e explosões acaloradas, incluindo sobre as responsabilidades da Igreja na ditadura e na exploração colonial. Ficou-me para sempre a ideia de que a Teresa não deixaria de se empenhar a fundo no apoio a causas e grandes mudanças no nosso país, solidária com as forças do progresso, como então se dizia. E assim foi, de facto.

Ainda na década de 60, em 1965-68, voltámos a encontrar-nos no Secretariado Técnico da Presidência do Conselho, onde trabalhámos sob a direcção de João Salgueiro. Eu ocupava-me da Indústria e de uma Unidade de Avaliação de Projectos de Investimento. A Teresa tinha a seu cargo a Educação. É conhecido o que o Secretariado Técnico representou na tentativa de expor as contradições do regime. Por razões profissionais ou por vontade comum, passámos então muito tempo a discutir táticas e estratégias. Ou, simplesmente, a reflectir sobre o futuro.

Após o 25 de Abril, os nossos caminhos só voltaram a cruzar-se verdadeiramente a partir de 1979. Eleito deputado pelo PS em 1979, passei a integrar a Direcção do Grupo Parlamentar de que Salgado Zenha era Presidente e a Teresa, Vice-Presidente. Foram tempos de grande e intenso combate político, tanto dentro como fora e à volta do PS. Até 1983. Depois disso, o IED, onde eu colaborava intermitentemente, assegurou algumas pontes precárias. Mas suficientes para me aperceber bem do significado da sua obra na instituição.

Vicissitudes várias no IED levaram a sua energia e inteligência a outras instituições e a outros projectos, com particular destaque para a docência e investigação das políticas de educação, em Portugal como no plano europeu. Tarefas brilhantemente exercidas. Mas nunca abandonou a sua ligação vital ao IED. Prova disso, se necessária, o projecto de avaliação do «estado de arte» das políticas de educação em Portugal que quis realizar no IED. Faltou-lhe o tempo. Mas nunca a coragem, a lucidez e a vontade, mesmo quando soube, de forma definitiva, que o seu tempo estava inexoravelmente medido.

A Teresa fez uma enorme diferença até ao fim. E é a importância dessa diferença que aqui queremos celebrar.